

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

OUTUBRO DE 1861

Nº 10

## O Espiritismo em Lyon

Atendendo aos reiterados convites que nos fizeram os espíritas de Lyon, fomos este ano novamente a essa cidade. Embora conhecêssemos, pela correspondência, os progressos ali realizados pelo Espiritismo, o resultado da visita ultrapassou de muito a nossa expectativa. Certamente os leitores nos agradecerão por lhes darmos algumas informações a respeito; nelas verão um indício da marcha irresistível da doutrina e uma prova patente de suas conseqüências morais.

Antes, porém, de falar dos espíritas de Lyon, não devemos esquecer os de Sens e de Mâcon, que visitamos de passagem, e agradecer-lhes a simpática acolhida. Lá, também, pudemos constatar um notável progresso, quer no número de adeptos, quer na opinião que se faz do Espiritismo em geral. Por toda parte os zombadores se esclarecem e mesmo aqueles que ainda não crêem observam uma prudente reserva, ditada pelo caráter e pela posição social de quantos, hoje, não temem mais confessar-se publicamente partidários e propagadores das novas idéias. Em face da opinião que se pronuncia e se generaliza, os incrédulos dizem que talvez exista algo, mas, em suma, que cada um

é livre em suas crenças. Pelo menos antes de falar, querem saber do que se trata, contrariamente ao que ocorria. Ora, não se pode negar que, para muita gente, isso não seja um verdadeiro progresso. Mais tarde voltaremos a esses dois centros, ainda novos, numericamente falando, enquanto Lyon já atingiu todo o seu vigor.

Com efeito, não é mais por centenas que ali se contam os espíritas, como no ano passado, mas por milhares; dito de outra forma, não se os conta mais, calculando-se que, se seguirem a mesma progressão, em um ou dois anos serão mais de trinta mil. O Espiritismo os recruta em todas as classes, mas é sobretudo nas classes operárias que se propagou mais rapidamente, o que não é de admirar; sendo esta a classe que mais sofre, volta-se para o lado onde encontra mais consolações. Vós, que bradais contra o Espiritismo, que lhe deis outro tanto! A classe operária se voltaria para vós; mas, em vez disto, quereis tirar-lhe aquilo que a ajuda a carregar o seu fardo de misérias. É o meio mais seguro de vos subtraídes à sua simpatia e engrossar as fileiras que se vos opõem. O que vimos pessoalmente é de tal modo característico e encerra tão grande ensinamento, que julgamos um dever consagrar aos trabalhadores a maior parte do nosso relato.

O ano passado só havia um único centro de reunião, o de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Dijoud, chefe de oficina, e sua mulher; outros se formaram depois, em diferentes pontos da cidade, em Guillotière, em Perrache, em Croix-Rousse, em Vaise, em Saint-Just, etc., sem contar um grande número de reuniões particulares. No todo havia apenas dois ou três médiuns, muito inexperientes, enquanto hoje os há em todos os grupos, e vários de primeira categoria; só num grupo vimos cinco, escrevendo simultaneamente. Vimos também uma jovem, excelente médium vidente, na qual pudemos constatar a faculdade desenvolvida em alto grau.

Trouxemos uma coletânea de desenhos extremamente notáveis, de um médium desenhista que não sabe desenhar. Pela

execução e pela complexidade, rivalizam com os desenhos de Júpiter, embora de outro gênero. Não devemos esquecer um médium curador, tão recomendável por seu devotamento quanto pela potência de sua faculdade.

Com certeza os adeptos se multiplicam; mas o que ainda vale mais do que o número é a qualidade. Pois bem! declaramos alto e bom som que não vimos, em parte alguma, reuniões espíritas mais edificantes que a dos operários lioneses, quanto à ordem, o recolhimento e a atenção com que se devotam às instruções de seus guias espirituais. Ali há homens, velhos, senhoras, moços, até crianças, cuja postura, respeitosa e recolhida, contrasta com sua idade; jamais perturbaram, fosse por um instante, o silêncio de nossas reuniões, geralmente muito longas; pareciam quase tão ávidas quanto seus pais em recolher nossas palavras. Isto não é tudo; o número das metamorfoses morais, nos operários, é quase tão grande quanto o dos adeptos: hábitos viciosos reformados, paixões acalmadas, ódios apaziguados, índoles pacificadas, em suma, desenvolvidas as virtudes mais cristãs e isto pela confiança, doravante inabalável, que as comunicações espíritas lhes dão de um futuro em que não acreditavam. Para eles é uma felicidade assistir a essas instruções, de onde saem reconfortados contra a adversidade; também se vêem alguns que andam mais de uma légua com qualquer tempo, inverno ou verão, enfrentando tudo para não perderem a sessão; é que neles não há uma fé vulgar, mas fé baseada em convicção profunda, raciocinada, e não cega.

Os Espíritos que os instruem sabem pôr-se admiravelmente ao alcance de seus ouvintes. Seus ditados não são manifestações de eloquência, mas boas instruções familiares, despretensiosas, e que, por isto mesmo, dirigem-se ao coração. As conversas com os parentes e amigos mortos ali representam um grande papel, de onde saem quase sempre úteis lições. Muitas vezes uma família inteira se reúne e a noite passa em suave expansão com os que se foram; querem ter notícias dos tios, tias, primos e primas;

saber se são felizes. Ninguém é esquecido; cada um quer que o avô lhe diga algo, e a cada um ele dá um conselho. – E eu, vovô, perguntava um dia um adolescente, não me dizeis nada? – Sim, meu filho, a ti eu te direi alguma coisa: não estou contente contigo; outro dia discutiste em caminho por uma tolice, em vez de ir direto ao trabalho; isto não é bom. – Como sabeis disto, vovô? – Sem dúvida eu sei. Será que nós Espíritos não vemos tudo o que fazeis, considerando-se que estamos ao vosso lado? – Perdão, vovô; prometo não fazer mais isto.

Não haverá algo de tocante nesta comunicação dos mortos com os vivos? Aí está a vida futura, palpitante aos seus olhos; não mais a morte, não mais a eterna separação, não mais o nada; o Céu está mais perto da Terra e se o compreende melhor. Se isto é uma superstição, praza a Deus que jamais tivesse havido outras!

Um fato digno de nota, e que constatamos, é a facilidade com que esses homens, quase sempre iletrados e endurecidos nos mais rudes trabalhos, compreendem o alcance da doutrina; pode-se dizer que só lhe vêem o lado sério. Nas instruções que demos nos diferentes grupos, em vão procuramos excitar-lhes a curiosidade pelo relato das manifestações físicas, embora nem um só deles tenha visto uma mesa mover-se; no entanto, tudo quanto tocava as apreciações morais cativava seu interesse no mais alto grau.

A alocação seguinte nos foi dirigida quando de nossa visita ao grupo de Saint-Just; publicamo-la, não para dar satisfação a uma tola e pueril vaidade, mas como prova dos sentimentos que dominam as oficinas de trabalho, onde penetrou o Espiritismo, e porque sabemos ser agradável aos que nos quiseram dar esse testemunho de simpatia. Transcrevemo-la textualmente, pois teríamos escrúpulo de lhe acrescentar uma só palavra; só a ortografia foi emendada.

“Senhor Allan Kardec, discípulo de Jesus, intérprete do Espírito de Verdade, sois nosso irmão em Deus. Estamos reunidos todos com o mesmo coração, sob a proteção de São João Batista, protetor da Humanidade e precursor do grande mestre Jesus, nosso Salvador.

“Nós vos rogamos, caro mestre, que mergulheis vosso olhar no recesso de nossos corações, a fim de que possais vos dar conta das simpatias que temos por vós. Somos pobres trabalhadores, sem artifícios; uma espessa cortina, desde a nossa infância, foi estendida sobre nós, para abafar a nossa inteligência; mas vós, caro mestre, pela vontade do Todo-Poderoso, rasgai a cortina. Essa cortina, que julgavam impenetrável, não pôde resistir à vossa digna coragem. Oh! sim, nosso irmão, tomastes o pesado enxadão para descobrir a semente do Espiritismo, que haviam enterrado em granítico terreno, e a semeais aos quatro cantos do globo, até mesmo nos pobres quarteirões de ignorantes, que começam a saborear o pão da vida.

“Todos o dizemos do fundo do coração; estamos animados do mesmo fogo e repetimos todos: Glória a Allan Kardec e aos Espíritos bons que o inspiraram! E vós, bons irmãos, Sr. e Sra. Dijoud, os abençoados por Deus, Jesus e Maria, estais gravados em nossos corações para jamais sair, porque por nós sacrificastes os vossos interesses e os vossos prazeres materiais. Deus o sabe; nós lhe agradecemos por vos ter escolhido para esta missão, agradecendo também ao nosso protetor superior, São João Batista.

“Obrigado, Sr. Allan Kardec; mil vezes obrigado, em nome do grupo de Saint-Just, por terdes vindo entre nós, simples operários e ainda muito imperfeitos em Espiritismo; vossa presença nos causa uma grande alegria em meio de nossas tribulações, que são grandes neste momento de crise comercial; vós nos trazeis o bálsamo benfazejo que se chama esperança, que

acalma os ódios e reacende no coração do homem o amor e a caridade. Nós nos aplicaremos, caro mestre, em seguir vossos bons conselhos, bem assim os dos Espíritos superiores que tiverem a bondade de nos ajudar e instruir, a fim de nos tornarmos, todos, verdadeiros e bons espíritas. Caro mestre, tende certeza de que levais convosco a simpatia de nossos corações para a eternidade; nós o prometemos. Somos e seremos sempre vossos adeptos sinceros e submissos. Permitti, a mim e ao médium, que vos demos o ósculo do amor fraterno, em nome de todos os irmãos e irmãs aqui presentes. Ficariamos muito felizes também se quisésseis brindar conosco.”

Vínhamos de longe e tínhamos subido às alturas de Saint-Just com um calor sufocante. Alguns refrescos tinham sido preparados, em meio dos instrumentos do trabalho: pão, queijo, algumas frutas, um copo de vinho, verdadeiro ágape oferecido com a simplicidade antiga e um coração sincero. Um copo de vinho! ah! em nossa intenção, porque essa boa gente não bebe todos os dias; mas era uma boa festa para eles: ia-se falar de Espiritismo. Oh! foi com um prazer imenso que brindamos com eles, e seu lanche modesto, aos nossos olhos, tinha cem vezes mais valor que os mais esplêndidos banquetes. Que tenham eles aqui a certeza disto.

Alguém nos dizia em Lyon: “O Espiritismo infiltra-se nos operários pelo raciocínio; não seria tempo de fazer que penetrasse pelo coração?” Certamente esta pessoa não conhece os operários; seria desejável que se encontrasse tanto coração em todo o mundo. Se uma tal linguagem não for inspirada pelo coração; se o coração nada significa para quem, no Espiritismo, encontra a força de vencer suas más inclinações, de lutar com resignação contra a miséria, de sufocar seus rancores e animosidades; para quem partilha seu pedaço de pão com um mais infeliz, confessamos não saber onde está o coração.

## Banquete

OFERECIDO AO SR. ALLAN KARDEC PELOS VÁRIOS GRUPOS DE  
ESPÍRITAS LIONESES, EM 19 DE SETEMBRO DE 1861

Mais um banquete reuniu este ano certo número de espíritas em Lyon, com a diferença de que no ano passado havia uma trintena de convivas, ao passo que agora alcançavam cento e sessenta, representando os diferentes grupos que se consideram todos como membros de uma mesma família, e entre os quais não há sombra de ciúme nem de rivalidade, o que nos deixava muito à vontade. A maioria dos presentes era composta de operários e todos notavam a perfeita ordem que não deixou de reinar um só instante. É que os verdadeiros espíritas põem a sua satisfação nas alegrias do coração, e não nos prazeres escandalosos. Foram pronunciados vários discursos. Vamos relatá-los, pois resumem a situação e caracterizam uma das fases da marcha do Espiritismo; além disso, dão a conhecer o verdadeiro espírito dessa população, outrora encarada com certo temor, porque a haviam julgado mal e, talvez, mal dirigida moralmente. Infelizmente, um dos principais discursos não será publicado e o lamentamos sinceramente: é o do Sr. Renaud, notável por suas apreciações e no qual encontramos muitos elogios à nossa pessoa. Um tanto longa, a cópia desse discurso não nos foi entregue antes de nossa partida, privando-nos de sua publicação; no entanto, nem por isso somos menos reconhecido ao autor, pelos testemunhos de simpatia que houve por bem nos dar.

Notou-se que, por uma coincidência não premeditada, porque subordinada à nossa chegada, o banquete deste ano ocorreu em 19 de setembro, mesma data daquele do ano passado.

**ALOCUÇÃO DO SR. DIJOUR, CHEFE DE OFICINA, PRESIDENTE  
DO GROUPE SPIRITE DES BROTTAUX, AGRADECENDO A  
ASSISTÊNCIA DOS ESPÍRITOS BONS**

Meus bons amigos,

Venho, em nome de todos, agradecer aos Espíritos bons por nos haverem reunido e iniciado, por suas

manifestações, nas leis divinas, às quais estamos todos submetidos; satisfação imensa para nós, pelas doces consolações que eles nos dão, pois nos fazem suportar com paciência e resignação as provas e sofrimentos desta vida passageira e porque agora não mais ignoramos o fim de nossas encarnações de rude labor e a recompensa que espera o nosso Espírito, caso as suportemos com coragem e submissão.

Com eles também aprendemos que se ouvirmos seus conselhos e se praticarmos sua moral sublime, nós mesmos é que traremos o reino de felicidade que Deus nos prometeu por seu Filho; então o egoísmo, a calúnia e a malícia desaparecerão do nosso meio, pois somos todos irmãos e devemos amar-nos, ajudar-nos e nos perdoarmos como irmãos.

É, por conseguinte, ao apelo invisível dos Espíritos superiores que respondemos, vindo aqui testemunhar-lhes, com o coração unânime, o nosso reconhecimento. Roguemos-lhes que nos conservem sua proteção e seu amor e continuem suas instruções tão suaves, tão consoladoras, tão vivificantes, que nos têm feito tanto bem, desde que tivemos a felicidade de receber suas comunicações.

Oh! meus amigos! Como é belo o dia em que Deus nos convocou! Tomemos todos a resolução de ser bons e sinceros espíritas e de jamais esquecer esta doutrina, que fará a felicidade da Humanidade inteira, conduzindo os homens ao bem. Obrigado aos Espíritos bons que nos assistem e nos iluminam e obrigado a Deus por no-los haver enviado.

**BRINDE DO SR. COURTET, NEGOCIANTE**

Senhores,

Membro do *Groupe Spirite des Brotteaux*, venho, em seu nome, propor um brinde em honra do Sr. e da Sra. Dijoud.



Senhora, cumpro um dever muito agradável, servindo de intérprete de toda a nossa Sociedade, que vos agradece por tudo quanto fizestes em nosso favor! Quantas consolações fizestes brotar entre nós! Quantas lágrimas de ternura e de alegria nos fizestes derramar! Vosso coração, tão bom e tão modesto, não se orgulhou com os vossos sucessos, fazendo aumentar a vossa caridade.

Bem sabemos, senhora, que sois apenas a intérprete dos Espíritos superiores que vos estão ligados, como sabemos, também, com que devotamento vos desobrigais dessa tarefa. Por vosso intermédio fomos iniciados nestas altas questões de moral e de filosofia, cuja solução deve trazer o reino de Deus e, por conseguinte, a felicidade dos homens na Terra.

Também vos agradecemos, senhora, a assistência que dais aos nossos doentes; vossa fé e vosso zelo são recompensados pela satisfação que experimentais em fazer o bem e aliviar o sofrimento. Não vos pedimos a continuação dos vossos bons ofícios; ficai certa de toda a nossa gratidão e do nosso eterno reconhecimento.

Sr. Dijoud, nós vos agradecemos a inteligência, a firmeza e a complacência que trazeis às nossas reuniões. Contamos convosco para continuar esta grande obra, com o concurso dos Espíritos bons.

#### BRINDE DO SR. BOUILLANT, PROFESSOR

Tenho a honra de fazer um brinde ao Sr. Allan Kardec, um brinde de gratidão e reconhecimento, em nome dos seus adeptos e de seus apóstolos aqui presentes.

Ah! como somos felizes, nós os voluntários da *grande obra*, da obra fecunda e regeneradora, por vermos entre nós nosso valente, nosso chefe bem-amado!

Se experimentamos essa felicidade – é preciso reconhecê-lo – é que o favor especial, que hoje nos é concedido, é daqueles que não se esquecem, que jamais são esquecidos. Oh! qual é o soldado, por exemplo, que não se recordaria com o mais vivo ardor de que seu general quis unir-se a ele para partir o *mesmo pão*, à *mesma* mesa?

Pois bem! Nós também, caro mestre, somos vossos soldados, vossos voluntários e, por mais alto tenhais plantado o vosso estandarte, não nos compete defendê-lo, pois que ele não o necessita, mas, sim, fazê-lo triunfar, por uma prudente e fervorosa propagação. Esta causa, na verdade, é tão bela, tão justa, tão consoladora! Vós no-lo provastes tão bem em vossas obras, tão cheias de erudição, de saber, de eloquência! Ah! nós todos o reconhecemos, lá estão páginas do homem inspirado pelos Espíritos puros, pois cada um de nós compreendeu, ao beber na fonte do vosso consciencioso trabalho, que todos os vossos pensamentos eram outras tantas emanações do Altíssimo! Depois, caro mestre, se acrescentarmos que vossa missão aqui é santa e sagrada é porque sentimos, pelo socorro de vossas luzes, a centelha fluídica que liga os mundos visíveis e invisíveis que gravitam na imensidade! Assim, nossos corações batem em unísono, com um mesmo amor para convosco; recebi aqui a sua expressão viva, sincera e profunda. A vós, de todo o coração; a vós, de todo a nossa alma!

## Discurso do Sr. Allan Kardec

Senhoras e Senhores, todos vós, meus caros e bons irmãos no Espiritismo:

Se há circunstâncias em que se pode lamentar a insuficiência de nossa pobre linguagem humana, é sem dúvida quando se trata de exprimir certos sentimentos; tal é no momento a minha posição. O que experimento é, ao mesmo tempo, uma surpresa muito agradável, quando vejo o terreno imenso que a Doutrina Espírita conquistou entre vós no último ano, o que me faz admirar a Providência; uma alegria indizível à vista do bem que ela aqui produz, das consolações que espalha sobre tantas dores, ostensivas ou ocultas, podendo deduzir o futuro que a aguarda; é uma felicidade inexprimível encontrar-me em meio a esta família, que em pouco tempo se tornou tão numerosa e cresce a cada dia; é, enfim e acima de tudo, uma profunda e sincera gratidão pelos comoventes testemunhos de simpatia que recebo de vós todos.

Esta reunião tem um caráter particular. Graças a Deus, aqui somos todos muito bons espíritas, penso eu, para não vermos senão o prazer de nos acharmos juntos, e não o de nos encontrarmos à mesa. E, diga-se de passagem, creio mesmo que um festim de espíritas seria uma contradição. Presumo, também, que me convidando tão graciosamente e com tanto empenho para vir ao vosso meio, não imaginastes que a questão do banquete fosse para mim motivo de atração. Foi o que me apressei a escrever aos meus bons amigos Rey e Dijoud, quando se desculparam pela simplicidade da recepção. Ficai bem certos: o que mais me honra nesta circunstância, aquilo de que posso, com razão, estar orgulhoso, é a cordialidade e a sinceridade do acolhimento, o que raramente se encontra nas recepções aparatosas, pois aqui os rostos não estão mascarados.

Se uma coisa pudesse diminuir a felicidade que tenho de me achar entre vós, seria não poder ficar aqui senão por pouco tempo. Ter-me-ia sido muito agradável prolongar minha estada num dos centros mais numerosos e mais zelosos do Espiritismo; desde, porém, que desejastes receber algumas instruções, haveis de permitir que eu utilize todos os instantes, saia um pouco das

banalidades muito comuns em semelhantes circunstâncias, e que minha alocação assumia certa gravidade, a mesma gravidade, aliás, do motivo que nos reúne. Certamente, se estivéssemos num jantar de bodas ou de batizado, seria inoportuno falar de almas, da morte e da vida futura; mas, repito, aqui estamos para nos instruir, e não para comer; em qualquer caso, jamais para nos divertirnos.

Não imagineis, senhores, que esta espontaneidade que vos levou a vos reunirdes aqui seja um fato puramente pessoal. Não duvideis de que esta reunião tem um caráter especial e providencial; uma vontade superior a provocou; mãos invisíveis vos impeliram, mau grado vosso, e talvez um dia ela seja assinalada nos fastos do Espiritismo. Possam os nossos irmãos do futuro lembrar este dia memorável, em que os espíritas lioneses, dando exemplo de união e concórdia, plantaram nesses ágapes a primeira baliza da aliança que deve reinar entre os espíritas de todos os países do mundo; porque o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. Ampliando o círculo da família pela pluralidade das existências, o Espiritismo estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional que aquela que não tem por base senão os frágeis laços da matéria, porquanto esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eternos. Uma vez bem compreendidos, esses laços influirão, pela própria força das coisas, nas relações sociais e, mais tarde, na legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade. Ver-se-á então desaparecer essas anomalias que chocam os homens de bom-senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje. Mas isto é obra do tempo. Deixemos a Deus o cuidado de fazer com que cada coisa venha a seu tempo; esperemos tudo de sua sabedoria e Lhe agradeçamos tão-somente por nos haver permitido assistir à aurora que se levanta para a Humanidade e por

nos ter escolhido como os pioneiros da grande obra que se prepara. Que Ele se digne de espargir a sua bênção sobre esta assembléia, a primeira em que os adeptos do Espiritismo estão reunidos em tão grande número, com o sentimento de verdadeira confraternidade.

Digo de verdadeira confraternidade porque tenho a íntima convicção de que todos vós, aqui presentes, não trazem outra. Mas não duvideis que numerosas coortes de Espíritos estejam entre nós; de que nos ouvem neste momento, espreitam todas as nossas ações e nos sondam os pensamentos, perscrutando sua força ou sua fraqueza moral. Os sentimentos que os animam são muito diversos; se uns estão felizes nesta união, crede que outros padecem de terrível inveja. Saindo daqui, vão tentar semear a discórdia e a desunião; cabe a vós, bons e sinceros espíritas, provar-lhes que perdem o tempo e se equivocam, julgando encontrar aqui corações acessíveis às suas pérfidas sugestões. Invocai, pois, com fervor a assistência dos vossos anjos da guarda, a fim de que afastem de vós todo pensamento que não seja para o bem. Ora, como o mal não pode ter sua fonte no bem, diz o simples bom-senso que todo pensamento mau não pode vir de um Espírito bom; e um pensamento é necessariamente mau quando contraria a lei de amor e de caridade; quando tem por móvel a inveja ou o ciúme, o orgulho ferido, ou mesmo uma pueril susceptibilidade do amor-próprio ultrajado, irmão gêmeo do orgulho, que levaria a olhar seus irmãos com desdém. *Amor e caridade para com todos*, diz o Espiritismo; *Amarás o próximo como a ti mesmo*, disse o Cristo; não são sinônimos?

Meus amigos, eu vos felicitei pelos progressos que o Espiritismo fez entre vós, e não poderia me sentir mais feliz em constatá-lo. Felicitei-vos, por vosso lado, porque esse progresso é o mesmo em toda parte. Sim, este último ano viu o Espiritismo crescer em todos os países, numa proporção que ultrapassou todas as expectativas; está no ar, nas aspirações de todos, e por toda parte encontra ecos, bocas que repetem: Eis o que eu esperava, o que

uma voz secreta me fazia pressentir. Mas o progresso se manifesta ainda sob uma nova fase: é a coragem de opinião, que há bem pouco ainda não existia. Só se falava do Espiritismo em segredo, de maneira disfarçada; hoje a gente se confessa espírita com tanta altivez quanto se confessa católico, judeu ou protestante. Afronta-se a zombaria, e tal ousadia se impõe aos gracejadores, os quais se comportam como esses cachorrinhos de madame: correm atrás dos que fogem, mas se acovardam quando perseguidos. A zombaria dá coragem aos tímidos e em muitas localidades revela numerosos espíritas que se desconheciam mutuamente. Tal movimento pode estacionar? Poderão detê-lo? Digo com toda clareza: Não! Para isto, lançaram mão de todos os meios: sarcasmos, deboches, ciência, anátemas; ele tudo superou, sem diminuir sua marcha um segundo. Cego, pois, quem nisto não visse o dedo de Deus. Poderão entravá-lo; detê-lo, jamais, porquanto, se não escapar pela direita, fugirá pela esquerda.

Vendo os benefícios morais que proporciona, as consolações que prodigaliza e os próprios crimes que já impediu, somos naturalmente levados a perguntar: quem poderia ter interesse em combatê-lo? Primeiramente tem contra si os incrédulos, que o ridicularizam: estes não são para temer, pois viram suas setas afiadas quebrar-se contra a própria couraça; Em segundo lugar os ignorantes, que o combatem sem conhecê-lo: constituem maioria; mas, combatida pela ignorância, a verdade jamais teve algo a temer, já que os ignorantes se refutam por si mesmos e sem o querer, conforme testemunho do Sr. Louis Figuiet, na sua *História do Maravilhoso*. A terceira categoria de adversários é mais perigosa, porque tenaz e pérfida; compõe-se de todos aqueles cujos interesses materiais podem ser contrariados; combatem na sombra, e os dardos envenenados da calúnia não lhes faltam. Eis os verdadeiros inimigos do Espiritismo, como em todos os tempos o têm sido de todas as idéias do progresso; são encontrados em todas as fileiras, em todas as classes da sociedade. Levarão a melhor? Não, desde que não é dado ao homem opor-se

à marcha da Natureza e o Espiritismo está na ordem das coisas naturais. Mais cedo ou mais tarde terão de tomar-lhe o partido e aceitar o que for aceito por todos. Não! Não o vencerão: eles é que serão vencidos.

Um novo elemento vem juntar-se à legião dos espíritas: o das classes laboriosas. Notai nisto a sabedoria da Providência. O Espiritismo propagou-se primeiro nas classes esclarecidas, nas sumidades sociais. Tal era necessário: a princípio, para lhe dar mais crédito; depois, para que fosse elaborado e expurgado das idéias supersticiosas que a falta de instrução nele poderia introduzir, e com as quais o teriam confundido. Apenas constituído, se assim se pode falar de uma ciência tão nova, sensibilizou as classes operárias e entre elas se propaga com rapidez. Ah! é que nele há tantas consolações a dar, tanta coragem moral a levantar, tantas lágrimas a enxugar, tanta resignação a inspirar que foi acolhido como uma âncora de salvação, como um escudo contra as terríveis tentações da necessidade. Por toda parte onde o vi penetrar nas casas de trabalho, nelas percebi que ele havia produzido seus efeitos benfazejos e moralizadores. Regozijai-vos, pois, operários lioneses que me ouvis, porque tendes em outras cidades, como Sens, Lille, Bordeaux, irmãos espíritas que, como vós, abjuraram as censuráveis esperanças da desordem e os criminosos desejos da vingança. Continuei, pelo exemplo, a provar os benéficos resultados desta doutrina. Aos que perguntarem para que pode ela servir, respondi: Em meu desespero eu queria me matar; o Espiritismo me deteve, porque agora sei o que custa abreviar voluntariamente as provas que Deus houve por bem mandar aos homens. Para me atordoar, embriagava-me; compreendi o quanto era desprezível por me tirar voluntariamente a razão, privando-me assim de ganhar o pão e o de meus filhos. Havia-me divorciado de todos os sentimentos religiosos: hoje rogo a Deus e deponho as esperanças na sua misericórdia. Só acreditava no nada, como supremo remédio para as minhas misérias; meu pai comunicou-se comigo e me disse: Filho, coragem! Deus te vê; mais um esforço e

estarás salvo! Ajoelhei-me perante Deus e lhe pedi perdão. Vendo ricos e pobres, gente que tem tudo e outros que nada têm, acusava a Providência; hoje sei que Deus tudo pesa na balança da justiça e espero o seu julgamento; se estiver em seus decretos que eu deva sucumbir no sofrimento, então sucumbirei, mas com a consciência pura e sem levar o remorso de haver roubado um óbolo a quem me podia salvar a vida. Dizei-lhes: Eis para que serve o Espiritismo, esta loucura, esta quimera, como o chamais. Sim, meus amigos, continuei a pregar pelo exemplo; fazei com que entendam o Espiritismo com suas conseqüências salutares, pois quando for compreendido não mais se aterrorizarão; muito mais: será acolhido como garantia da ordem social, e os próprios incrédulos serão forçados a falar dele com mais respeito.

Falei dos progressos do Espiritismo. É que, com efeito, não há exemplo de uma doutrina, seja qual for, que tenha marchado com tanta rapidez, sem excetuar o próprio Cristianismo. Isto significa que lhe seja superior, que o deva suplantará? Não; mas é aqui o lugar de fixar o seu verdadeiro caráter, a fim de destruir uma prevenção por demais espalhada entre os que não o conhecem.

Em sua origem, o Cristianismo teve de lutar contra uma potência perigosa: o paganismo, então universalmente disseminado. Entre eles não havia nenhuma aliança possível, como não há entre a luz e as trevas; numa palavra, não poderia propagar-se senão destruindo o que havia. Assim, a luta foi longa e terrível, de que as perseguições são a prova. O Espiritismo, ao contrário, nada vem destruir, porque assenta suas bases no próprio Cristianismo; sobre o Evangelho, do qual não é mais que a aplicação. Concebeis a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. Não é, pois, como o pretendem alguns, quase sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma à custa das mais antigas; é uma doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, pois não impõe nenhuma. E a prova disto é que tem



aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, isto é, com as almas. Ora, como os judeus, os protestantes e os muçulmanos têm almas como nós, o que significa que podem comunicar-se tanto com eles quanto conosco, e que, conseguintemente, eles podem ser espíritas como nós.

Não é uma seita política, como não se trata de uma seita religiosa; é a constatação de um fato que não pertence mais a um partido do que a eletricidade e as estradas de ferro; é, insisto, uma doutrina moral, e a moral está em todas as religiões, em todos os partidos.

É boa ou má a moral que ensina? É subversiva? Eis toda a questão. Que o estudem e saberão em que ela se baseia. Ora, desde que é a moral do Evangelho desenvolvida e aplicada, condená-la seria condenar o Evangelho.

O Espiritismo tem feito o bem ou o mal? Estudai-o ainda, e vereis. Que tem feito? Tem impedido inumeráveis suicídios; restaurou a paz e a concórdia num grande número de famílias; tornou mansos e pacientes homens violentos e coléricos; deu resignação aos que não a tinham e consolações aos aflitos; reconduziu a Deus os que não O conheciam, destruindo-lhes as idéias materialistas, verdadeira chaga social que aniquila a responsabilidade moral do homem. Eis o que tem feito e faz todos os dias, o que fará cada vez mais, à medida que se espalhar. Será isto o resultado de uma doutrina má? Não sei de ninguém que tenha atacado a moral do Espiritismo; apenas dizem que a religião pode produzir tudo isso. Concordo perfeitamente; mas, então, porque não o produz sempre? É porque nem todos a compreendem. Ora, ao tornar claro e inteligível para todos aquilo que não o é, e evidente o que é duvidoso, o Espiritismo conduz à aplicação, ao passo que jamais se sente necessidade daquilo que se não

compreende. O Espiritismo, portanto, longe de ser o antagonista da religião, é o seu auxiliar; e a prova é que conduz às idéias religiosas os que as haviam repellido. Em resumo, jamais o Espiritismo aconselhou a mudança de religião, nem o sacrifício de suas crenças; não pertence particularmente a nenhuma religião, ou, melhor dizendo, está em todas elas.

Por favor, senhores, algumas palavras ainda, sobre uma questão muito prática. O crescente número de espíritas em Lyon mostra a utilidade do conselho que vos dei o ano passado, relativamente à formação dos grupos. Reunir todos os adeptos numa única sociedade, hoje, já seria uma coisa materialmente impossível, e o será mais ainda dentro de algum tempo. Além do número, as distâncias a percorrer em vista da extensão da cidade, e as diferenças de hábitos, conforme as posições sociais, aumentam essa impossibilidade. Por esses motivos e por muitos outros, que seria longo aqui desenvolver, uma sociedade única é uma quimera impraticável. Multiplicai os grupos o mais possível; que haja dez, que haja cem, se preciso for, e ficai certos de que chegareis mais depressa e com mais segurança.

Haveria aqui coisas muito importantes a dizer, sobre a questão da unidade de princípios e sobre a divergência que poderia existir entre eles quanto a alguns pontos. Mas me detenho, para não abusar de vossa paciência em me ouvir, paciência que já pus a uma prova muito longa. Se desejardes, farei disto objeto de uma instrução especial, que vos enviarei brevemente.

Termino esta alocução, senhores, a que me deixei arrastar pela própria raridade das ocasiões que tenho a felicidade de estar em vosso meio. Ficai certos de que levarei da vossa benévola acolhida uma lembrança que jamais se apagará.

Ainda uma vez, meus amigos, obrigado do fundo do coração pelas demonstrações de simpatia com que me distinguis;

obrigado pelas bondosas palavras que me dirigistes por vossos intérpretes, das quais só aceito o dever que elas me impõem quanto ao que me resta fazer, e não os elogios. Possa esta solenidade ser o penhor da união que deve existir entre todos os verdadeiros espíritas!

Levanto um brinde aos espíritas lioneses e a todos os que se distinguem por seu zelo, seu devotamento, sua abnegação e que vós mesmos nomeais, sem que eu precise fazê-lo.

Aos espíritas lioneses, sem distinção de opinião, estejam ou não presentes!

Senhores, os Espíritos também querem participar desta festa de família e dizer algumas palavras. Erasto, que conheceis pelas notáveis dissertações publicadas na Revista, ditou espontaneamente, antes da minha partida e em vossa intenção, a epístola seguinte, que me encarregou de ler em seu nome. É com prazer que me desobriço desse encargo. Tereis assim a prova de que os Espíritos comunicantes não são os únicos a se ocuparem convosco e daquilo que vos diz respeito. Esta certeza não pode senão reforçar vossa fé e vossa confiança, vendo que o olhar vigilante dos Espíritos superiores se estende sobre todos e que, seguramente, também sois objeto de sua solicitude.

## Epístola de Erasto aos Espíritas Lioneses

Lida no banquete de 19 de setembro de 1861

Não é sem a mais grata emoção que venho entreter-me convosco, caros espíritas do grupo lionês. Sinto-me tomado de simpatia e de ternura num meio como o vosso, onde todas as condições sociais se dão as mãos, e feliz por vos poder anunciar

que nós todos, os iniciadores do Espiritismo na França, assistiremos com a mais viva alegria os vossos ágapes fraternais, aos quais fomos convidados por *João e Irineu*, vossos eminentes guias espirituais. Ah! esses ágapes despertam em meu coração a lembrança daqueles em que todos nos reuníamos, mil e oitocentos anos atrás, quando combatíamos os costumes dissolutos do *paganismo romano* e já comentávamos os ensinamentos e parábolas do Filho do Homem, morto pela propagação de uma idéia santa, sobre o lenho da infâmia! Se o Altíssimo, meus amigos, por efeito de sua infinita misericórdia, permitisse que a lembrança do passado pudesse resplandecer um instante em vossas memórias entorpecidas, recordar-vos-íeis dessa época, ilustrada pelos santos mártires da plêiade lionesa: *Sanctus, Alexandre, Attale, Episode*; a doce e corajosa *Blandina*; *Irineu*, o intrépido bispo, dos quais muitos de entre vós então formáveis cortejo, aplaudindo-lhes o heroísmo e entoando louvores ao Senhor; também vos lembraríeis de que vários dos que me escutam regaram com o seu sangue a terra lionesa, esta terra fecunda que Eucher e Gregório de Tours chamaram a pátria dos mártires. Não os mencionarei; mas podeis considerar os que, em vossos grupos, desempenham uma missão, um apostolado, como já tendo sido mártires da propagação da idéia igualitária, ensinada do alto do Gólgota por nosso Cristo bem-amado! Hoje, caros discípulos, aquele que foi sagrado por São Paulo vem dizer-vos que vossa missão é sempre a mesma, porquanto o *paganismo romano*, sempre de pé, sempre vivaz, ainda enlaça o mundo, como a hera enleia o carvalho. Deveis, pois, espalhar entre os vossos irmãos infelizes, escravos de suas paixões ou das paixões alheias, a sã e consoladora doutrina que meus amigos e eu viemos vos revelar, por nossos médiuns de todos os países. Apesar disso, constatamos que os tempos progrediram, os costumes já não são os mesmos e a Humanidade cresceu; porque hoje, se fôsseis alvo de perseguição, esta não mais emanaria de um poder tirânico e invejoso, como no tempo da igreja primitiva, mas de interesses

coligados contra a idéia e contra vós, os apóstolos da idéia.

Acabo de pronunciar a palavra igualitária. Julgo útil deter-me um pouco nela, porque absolutamente não vimos pregar, em vosso meio, utopias impraticáveis, e também porque, ao contrário, repelimos com energia tudo quanto pareça ligar-se às prescrições de um comunismo anti-social; antes de tudo, somos essencialmente propagandistas da liberdade individual, indispensável ao desenvolvimento dos encarnados; por conseguinte, inimigos declarados de tudo quanto se aproxime dessas legislações conventuais, que aniquilam brutalmente os indivíduos. Embora eu me dirija a um auditório, em parte composto de artífices e proletários, sei que suas consciências, esclarecidas pelas irradiações da verdade espírita, já repeliram toda comunhão com as teorias anti-sociais dadas em apoio da palavra *igualdade*. Seja como for, devo restituir a ela sua significação cristã, tal como a explicara aquele que disse: “Dai a César o que é de César.” Pois bem, espíritas! a igualdade proclamada pelo Cristo, e que nós mesmos professamos nos vossos grupos amados, é a igualdade perante a justiça de Deus, isto é, nosso direito, conforme nosso dever cumprido, de subir na hierarquia dos Espíritos e um dia atingir os mundos avançados, onde reina a perfeita felicidade. Para isto não são levados em conta nem o nascimento, nem a fortuna; o pobre e o fraco a alcançam, como o rico e o poderoso, porque uns não levam materialmente mais que os outros; e como lá ninguém compra seu lugar e seu perdão com dinheiro, os direitos são iguais para todos. Igualdade diante de Deus: eis a verdadeira igualdade. Não vos será perguntado o que possuístes, mas o uso que fizestes do que possuístes. Ora, quanto mais possuídes, mais demoradas e mais difíceis serão as contas que tereis de prestar da vossa gestão. Assim, pois, conforme as vossas existências de missões, de provas ou de castigos nas paragens terrenas, cada um de vós, consoante as boas ou más obras, progredirá na escala dos seres ou recomeçará, mais cedo ou mais tarde, a sua existência, caso se tenha desviado.

Em conseqüência, repito, ao proclamar o dogma sagrado da igualdade, não vimos ensinar que aqui na Terra deveis ser todos iguais em riqueza, saber e felicidade, mas, sim, que todos chegareis, quando soar a hora e conforme os vossos méritos, à felicidade dos eleitos, partilha das almas de escol, que cumpriram seus deveres. Meus caros espíritas, eis a igualdade à qual todos tendes direito, a que vos conduzirá o Espiritismo emancipador, a que vos convido com todas as minhas forças. Para alcançá-la, que deveis fazer? Obedecer a estas duas palavras sublimes: amor e caridade, que resumem admiravelmente a lei e os profetas. Amor e caridade! Ah! aquele que, segundo sua consciência, cumprir as prescrições desta máxima divina estará certo de subir, de transpor rapidamente os degraus da escada de Jacó e de logo atingir as esferas elevadas, de onde poderá adorar, contemplar e compreender a majestade do Eterno.

Não podeis acreditar quanto nos é doce e agradável presidir ao vosso banquete, onde o rico e o artesão se acotovelam, brindando à fraternidade; onde o judeu, o católico e o protestante podem sentar-se à mesma comunhão pascal. Não podeis imaginar quanto me sinto orgulhoso de distribuir a cada um de vós os elogios e o encorajamento que o *Espírito de Verdade*, nosso bem-amado mestre<sup>43</sup>, ordenou-me conferisse às vossas piedosas coortes. A ti, Dijoud, e à tua digna companheira; e a vós todos, devotados missionários, que espalhais os benefícios do Espiritismo, obrigado por vosso concurso e por vosso zelo; mas a nobreza obriga, meus irmãos, sobretudo a do coração, e sereis muito culpados, muito criminosos se faltásseis, no futuro, às vossas santas missões. Não falhareis; tenho como garantia o bem que realizastes e o que vos resta fazer. Mas é a vós, meus bem-amados irmãos do labor quotidiano, que reservo minhas mais sinceras felicitações, porque, bem o sei, subis penosamente o vosso Gólgota, levando,

43 N. do T.: Para algumas pessoas, este testemunho de Erasto vem reforçar a opinião, vez por outra defendida, de que o Espírito de Verdade seria o próprio Cristo.

como o Cristo, a vossa cruz dolorosa. O que vos poderia dizer de mais elogioso que lembrar a coragem e a resignação com que suportais os desastres inauditos que a luta fratricida<sup>44</sup>, mas necessária, das duas Américas engendra em vosso meio? Ah! ninguém pode negar já se faça sentir a benéfica influência do Espiritismo; ela penetrou, com a esperança e a fé, no ambiente das oficinas; e quando nos lembramos dos tempos do último reinado, em que, desde que faltava o trabalho, os operários desciam da *Croix-Rousse* para os *Terreaux*<sup>45</sup>, em grupos tumultuosos, fazendo pressagiar motins, cuja repressão era terrível, devemos agradecer a Deus a nova revelação. Com efeito, segundo esta imagem vulgar, de que se servem em sua linguagem pitoresca, muitas vezes é preciso *dançar diante do bufê*<sup>46</sup>; então dizem, apertando o cinto: Ah! comeremos amanhã!!! Bem sei que a caridade pública e particular se movimenta e faz o que é possível; mas não é nisso que está o verdadeiro remédio. A Humanidade precisa de algo melhor, razão por que, se o Cristianismo preconizou a igualdade e as leis igualitárias, o Espiritismo encerra em seus flancos a fraternidade e as suas leis, obra grandiosa e durável que os séculos futuros haverão de abençoar. Lembrai-vos, meus amigos, de que o Cristo escolheu seus apóstolos entre os últimos dos homens, e estes, mais fortes que os césares, conquistaram o mundo para a idéia cristã. A vós, pois, incumbe a obra santa de esclarecer os vossos companheiros de oficina e propagar a nossa sublime doutrina, que torna os homens tão fortes na adversidade, a fim de que o Espírito do mal e da revolta não venha suscitar o ódio e a vingança no coração de vossos irmãos ainda não tocados pela graça espírita. Esta obra vos pertence por inteiro, meus caros amigos; sei que a realizareis com o mesmo zelo e o mesmo ardor ditados pela consciência de um dever a cumprir. Um dia a História, reconhecida, escreverá em seus anais que os operários de Lyon, iluminados pelo Espiritismo, muito

44 **N. do T.:** Erasto faz alusão à guerra da Secessão, nos Estados Unidos, iniciada em 1861.

45 **N. do T.:** Grifos nossos.

46 **N. do T.:** No original: *danser devant le buffet* – imagem vulgar que significa: *não ter o que comer, passar por dificuldades, estar na miséria.*

mereceram da pátria em 1861 e 1862, pela coragem e resignação com que suportaram as tristes conseqüências das lutas escravagistas entre os *Estados desunidos* da América. Que importa! Esses tempos de lutas e de provas meus filhos, são abençoados por Deus, enviados para desenvolver a coragem, a paciência e a energia; para apressar a elevação e o aperfeiçoamento do orbe terrestre e dos Espíritos aprisionados nos laços carnis da matéria. Ide agora; a trincheira está aberta no Velho Mundo; sobre as suas ruínas aclamareis a era espírita da fraternidade, que vos mostra o objetivo e o fim das misérias humanas, consolando e fortalecendo vossos corações contra a luta e a adversidade; confundireis os incrédulos e os ímpios, e agradecereis a Deus o quinhão de vossos infortúnios e de vossas provas, porque estas vos aproximam da felicidade eterna.

Resta-me ainda vos dar alguns conselhos – embora os vossos guias muitas vezes já vos tenham dado – mas que minha posição pessoal e a atual circunstância me aconselham a vos lembrar novamente. Meus amigos, aqui me dirijo a todos os espíritas, a todos os grupos, a fim de que nenhuma cisão, nenhuma dissidência, nenhum cisma venha surgir entre vós, mas, ao contrário, que uma crença solidária vos anime e vos reúna a todos, pois isto é necessário ao desenvolvimento de nossa doutrina benfazeja. Sinto uma espécie de vontade que me constrange a vos pregar a concórdia e a união, pois nisto, como em tudo, a união faz a força e tendes necessidade de ser fortaleza e união, a fim de que possais enfrentar as tempestades que se aproximam. E não só tendes necessidade de união entre vós, mas ainda com os vossos irmãos de todos os países. Eis por que vos concito a seguir o exemplo que vos deram os espíritas de Bordeaux, cujos grupos particulares formam, todos, os satélites de um grupo central; foi esse grupo central que pediu para entrar em comunhão com a Sociedade iniciadora de Paris, a primeira a receber os elementos de um corpo de doutrina e lançar as bases sérias para o estudo do Espiritismo, que todos nós, espíritas, professamos no mundo inteiro.



Sei que aquilo que vos digo aqui não será perdido; aliás, estou me referindo inteiramente aos conselhos que já recebestes, e ainda receberéis, dos vossos excelentes guias espirituais, que vos dirigirão nesta via salutar, pois é necessário que a luz se irradie do centro para a periferia e desta para o centro, a fim de que todos aproveitem e se beneficiem dos trabalhos de cada um. Aliás, é incontestável que, submetendo ao crisol da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil repelir o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado, um grupo enganado; todavia, o controle severo dos outros grupos, a ciência adquirida e a autoridade moral dos chefes de grupos, bem assim as comunicações dos principais médiuns, que recebem um cunho de lógica e de autenticidade de nossos melhores Espíritos, rapidamente farão justiça aos ditados falsificados e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos enganadores, imperfeitos ou maus. Repeli-os impiedosamente, e a todos esses Espíritos que aconselham com exclusividade, pregando a divisão e o isolamento. Quase sempre são Espíritos vaidosos e medíocres, que tendem a se impor aos homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes louvores exagerados, a fim de os fascinar e os manter sob domínio. Geralmente são Espíritos sedentos de poder, que, déspotas públicos ou privados quando vivos, ainda querem ter vítimas para tiranizar após a morte. Meus amigos, desconfiai, em geral, das comunicações que trazem um caráter de misticismo ou de estranheza, ou que prescrevem cerimônias e atos bizarros; então há sempre um motivo de legítima suspeita. Por outro lado, ficai certos de que uma verdade, quando deve ser revelada à Humanidade, é, por assim dizer, instantaneamente comunicada em todos os grupos sérios, que possuem médiuns sérios.

Enfim, creio ser bom repetir que ninguém é médium perfeito se estiver obsidiado; a obsessão é um dos maiores escolhos, e há manifesta obsessão quando um médium não está apto a receber comunicações senão de um Espírito especial, por mais alto que este procure colocar-se. Em consequência, todo

médium, todo grupo que se julgem privilegiados por comunicações que só eles podem receber, ou que estejam sujeitos a práticas que beiram a superstição, encontram-se indubitavelmente sob o império de uma obsessão muito bem caracterizada. Digo tudo isto, meus amigos, porque existem no mundo médiuns fascinados por pérfidos Espíritos. Desmascarai impiedosamente esses Espíritos, se ousarem ainda profanar nomes venerados, dos quais se apoderam como ladrões e se enfeitam orgulhosamente, como fazem os lacaios com as roupas dos patrões; pregai-os no pelourinho sem piedade, caso persistam em desviar do bom caminho os cristãos honestos, os espíritas zelosos, cuja boa-fé iludiram. Numa palavra, deixai-me repetir o que já aconselhei aos espíritas parisienses: é melhor repelir dez verdades por algum tempo, do que admitir uma única mentira, uma só teoria errônea, porque poderíeis, sobre essa teoria e essa mentira, edificar todo um sistema, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, qual se fora um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que se hoje rejeitardes certas verdades, certos princípios, porque não vos são demonstrados com clareza, logo um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá firmar a sua autenticidade.

A João, a Irineu, a Blandina, bem como a todos os vossos Espíritos protetores incumbe a tarefa de vos prevenir doravante contra os falsos profetas da erraticidade. O grande Espírito emancipador que preside aos nossos trabalhos, sob o olhar do Todo-Poderoso, proverá a isso, podeis crer-me. Quanto a mim, embora esteja mais particularmente ligado aos grupos parisienses, virei algumas vezes entreter-me convosco e acompanharei sempre com interesse os vossos trabalhos particulares.

Esperamos muito da província lionesa, e sabemos que não faltareis, nem uns nem outros, às vossas respectivas missões. Lembrai-vos de que o Cristianismo, trazido pelas legiões cesaristas, lançou, há quase dois mil anos, as primeiras sementes da renovação

cristã em Vienne<sup>47</sup> e Lyon, de onde se propagaram rapidamente à Gália do Norte. Hoje o progresso deve realizar-se numa radiação nova, isto é, do Norte ao Sul. À obra, pois, lioneses! É preciso que a verdade triunfe, e não é sem uma legítima impaciência que esperamos a hora em que soará a trombeta de prata, a nos anunciar o vosso primeiro combate e a vossa primeira vitória.

Permiti agora agradecer o recolhimento com que me ouvistes e a simpática acolhida que me concedestes. Que Deus Todo-Poderoso, Senhor de todos nós, vos conceda a sua benevolência, espalhando sobre vós e sobre o seu servo muito humilde os tesouros de sua infinita misericórdia. Adeus! Lioneses, eu vos bendigo!

*Erasto*

## Conversas Familiares de Além-Túmulo

EUGÈNE SCRIBE

(Sociedade Espírita de Paris)

Quando da discussão que se estabeleceu entre vários Espíritos sobre o aforismo de Buffon: *O estilo é o homem*, relatado em nosso número anterior, foi citado o nome do Sr. Scribe, o que sem dúvida lhe deu motivo para vir, embora não tivesse sido chamado. Sem participar do debate, ditou espontaneamente a dissertação seguinte, ensejando a conversa que a acompanha:

“Seria desejável que o teatro, onde os grandes e pequenos vão haurir ensinamentos, se preocupasse um pouco menos em lisonjear o gosto pelos costumes fáceis e em exaltar os aspectos veniais de uma juventude ardente, mas que o progresso

47 **N. do T.:** Erasto não se refere a Viena, capital da Áustria, mas à cidade francesa do mesmo nome, plantada às margens do Ródano (Rhône), rica em vestígios da época da dominação romana.

social fosse perseguido por peças elevadas e morais, onde a fina anedota substituísse o sal grosso de cozinha, de que hoje se servem os autores de comédias leves. Mas não; conforme o teatro, conforme o público, lisonjeiam-se as paixões humanas. Aqui, preconizam o avental, em detrimento da casaca, transformada em bode expiatório de todas as iniquidades sociais; ali, é o avental que é difamado e conspurcado, porque, ao que dizem, sempre oculta um tratante ou um assassino. Mentira de ambos os lados.

“Alguns autores até começam a agarrar o touro pelos chifres e, como Émile Augier, a pregar os especuladores no pelourinho da opinião pública. Ah! que importa! Nem por isso o público deixa de se arrastar para os teatros, onde uma plástica descarada e sem pudor faz todas as despesas do espetáculo. Ah! já é tempo de as idéias espíritas serem propagadas em todas as camadas sociais, porque, então, o teatro será moralizado por si mesmo e, às exibições femininas, sucederão peças conscienciosas, representadas conscienciosamente por artistas de talento. Todos ganharão com isto. Esperemos que logo surja um autor dramático capaz de expulsar do teatro e do entusiasmo do público todos esses intrujões, proxenetas imorais das damas das camélias de toda espécie. Trabalhai, pois, em espalhar o Espiritismo, que deve produzir tão louvável resultado.”

*E. Scribe*

P. – Numa comunicação que ditastes há pouco tempo à Srta. J..., e lida na Sociedade, dissestes que o que fez a vossa reputação na Terra não a fez no Céu e que poderíeis ter empregado melhor os bens que recebestes de Deus. Teríeis a gentileza de desenvolver este pensamento e dizer em que vossas obras são repreensíveis? Parece-nos que têm um lado moral e, de certo modo, abriram caminho ao progresso.

*Resp.* – Tudo é relativo. No mundo elevado onde hoje me encontro não vejo mais com os olhos terrenos e penso que,

com os dons que havia recebido do Todo-Poderoso, deveria ter feito coisa melhor para a Humanidade. Foi por isso que disse não haver trabalhado para o Céu. Mas não posso exprimir em poucas palavras o que vos queria dizer acima, porque, com bem o sabeis, eu era um tanto verboso.

P. – Dissestes ainda que gostaríeis de compor uma obra mais útil e mais séria, mas que tal alegria vos foi recusada. É como Espírito que queríeis fazer essa obra e, neste caso, como teríeis feito para que os homens a aproveitassem?

*Resp.* – Meu Deus! da maneira mais simples empregada pelos Espíritos, inspirando os escritores que, muitas vezes, imaginam tirar de seu próprio imo, ah! por vezes tão vazio.

P. – Pode-se saber qual o assunto que ofereceríeis para tratar?

*Resp.* – Eu não tinha um objetivo determinado, mas, como sabeis, a gente gosta um pouco de fazer o que nunca fez. Gostaria de cuidar de filosofia e de espiritualismo, já que me ocupei mais que devia do realismo. Não tomeis a palavra realismo como hoje a entendem; apenas quis dizer que me ocupei mais especialmente daquilo que divertia os olhos e o ouvido dos espíritos frívolos da Terra, e não do que poderia satisfazer os espíritos sérios e filosóficos.

P. – Dissestes à Srta. J... que não éreis feliz. Podeis não ter a sorte dos bem-aventurados, mas há pouco, no comitê, contaram uma porção de boas ações que praticastes e que, por certo, devem ter sido levadas em consideração.

*Resp.* – Não; não sou feliz porque, infelizmente, ainda tenho ambição e, tendo sido acadêmico na Terra, queria fazer parte, também, da assembléia dos eleitos.

P. – Parece-nos que, em falta da obra que ainda não podeis fazer, poderíeis alcançar o mesmo objetivo, para vós e para os outros, se aqui viésseis fazer uma série de dissertações.

*Resp.* – Não pediria nada melhor; virei com prazer, se me permitirem, o que ignoro, pois ainda não tenho posição bem definida no mundo espiritual. Tudo é tão novo para mim – eu que passei a vida a casar oficiais subalternos com ricas herdeiras – que ainda não tive tempo de conhecer e admirar este mundo etéreo, de que me havia esquecido durante a encarnação. Voltarei, pois, se os Grandes Espíritos o permitirem.

P. – No mundo em que estais, já revistes a Sra. de Girardin que, em vida, ocupava-se muito de Espíritos e evocações?

*Resp.* – Ela teve a bondade de vir esperar-me no limiar da verdadeira vida, com os Espíritos da plêiade à qual pertencemos.

P. – Ela é mais feliz que vós?

*Resp.* – Seu Espírito é mais feliz do que eu, porque contribuiu para as obras de educação da infância, compostas por Sophie Gay, sua mãe.

*Observação de Erasto* – Não; foi porque lutou, ao passo que Scribe deixou-se arrastar na torrente da vida fácil.

P. – Ides às vezes assistir à representação de vossas obras, assim como a Sra. de Girardin ou Casimir Delavigne?

*Resp.* – Como quereis que não fôssemos ver esses filhos queridos, que deixamos na Terra? Ainda é um dos nossos prazeres mais puros.

*Observação* – A morte, pois, não separa os que se conheceram na Terra; eles se reencontram, reúnem-se e se interessam pelo que era objeto de suas preocupações. Dirão, sem dúvida, que se eles se lembram do que lhes dava alegria, haverão de lembrar-se, também, daquilo que lhes causava dor, e isso lhes deve alterar a felicidade. Tal lembrança produz um efeito inteiramente contrário, porque a satisfação de estar liberto dos males terrestres é um prazer tanto mais suave, quanto maior for o contraste. Apreciamos melhor os benefícios da saúde após uma doença, a

calma após a tempestade. Voltando ao lar, o guerreiro não se compraz em contar os perigos que correu, as fadigas que experimentou. Do mesmo modo, para os Espíritos a lembrança das lutas terrestres é uma satisfação, quando delas saíram vitoriosos. Mas essa lembrança se perde ao longo do tempo ou, pelo menos, diminui de importância aos seus olhos, à medida que se libertam dos fluidos materiais dos mundos inferiores e se aproximam da perfeição. Para eles, tais lembranças são sonhos longínquos, como no homem feito as recordações da primeira infância.

## Ensinamentos e Dissertações Espíritas

OS CRETINOS

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Nossa companheira, Sra. Costel, tendo feito uma excursão na região dos Alpes em que o cretinismo parece ter estabelecido um de seus principais focos, ali recebeu, de um de seus Espíritos habituais, a seguinte comunicação:

– Os cretinos são seres punidos na Terra pelo mau uso que fizeram de poderosas faculdades. Sua alma está aprisionada num corpo, cujos órgãos impotentes não podem exprimir seu pensamento. Esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrestres, muitas vezes escolhidas pelos Espíritos arrependidos que querem resgatar suas faltas. Tal prova não é estéril, porque o Espírito não fica estacionário na sua prisão de carne: os olhos hebetados vêem, o cérebro deprimido compreende, mas nada pode ser traduzido, nem pela palavra, nem pelo olhar e, salvo o movimento, estão moralmente no estado dos letárgicos e dos catalépticos, que vêem e ouvem o que se passa ao seu redor sem poderem exprimi-lo. Quando, em sonho, tendes esses terríveis pesadelos, nos quais quereis fugir de um perigo, quando gritais para pedir socorro, enquanto a língua fica presa à abóbada palatina e os

pés ao solo, experimentais por alguns instantes o que o cretino experimenta sempre: paralisia do corpo ligada à vida do Espírito.

Quase todas as enfermidades têm, assim, sua razão de ser; nada se faz sem causa, e o que chamais injustiça da sorte é a aplicação da mais alta justiça. A loucura também é uma punição pelo abuso de altas faculdades; o louco tem duas personalidades: a delirante e a que retém a consciência de seus atos, sem os poder dirigir. Quanto aos cretinos, a vida contemplativa e isolada de suas almas, sem as distrações do corpo, também pode ser tão agitada quanto as existências mais complicadas pelos acontecimentos; alguns se revoltam contra seu suplício voluntário; lamentam tê-lo escolhido e sentem um desejo furioso de voltar a uma outra vida, desejo que lhes faz esquecer a resignação na vida presente e o remorso da vida passada, que albergam na consciência, porquanto os cretinos e os loucos sabem mais que vós, e na sua incapacidade física oculta-se uma força moral da qual não fazeis a menor idéia. Os atos de furor ou de imbecilidade a que seus corpos se entregam são julgados pelo ser interior, que sofre e se envergonha. Assim, ridicularizá-los, injuriá-los, mesmo maltratá-los, como às vezes se faz com eles, é aumentar-lhes os sofrimentos, porque os faz sentir mais duramente sua fraqueza e sua abjeção; se pudessem, acusariam de covardia os que assim agem, pois sabem que suas vítimas não podem se defender.

O cretinismo não é uma lei de Deus e a Ciência pode fazê-lo desaparecer, porquanto é o resultado material da ignorância, da miséria e da imundície. Os novos meios de higiene, que a Ciência, tornada mais prática, pôs ao alcance de todos, tendem a destruí-lo. Sendo o progresso condição expressa da Humanidade, as provas impostas se modificarão e seguirão a marcha dos séculos; tornar-se-ão todas morais; e quando a vossa Terra, ainda jovem, tiver realizado todas as fases de sua existência, tornar-se-á uma morada de felicidade, como outros planetas mais adiantados.

*Pierre Jouty, pai do médium*



*Observação* – Houve um tempo em que se havia posto em dúvida a alma dos cretinos e se perguntava se eles, realmente, pertenciam à espécie humana. A maneira por que o Espiritismo os encara não é de alta moralidade e de grande ensinamento? Não há matéria para sérias reflexões, ao pensar que esses corpos desgraçados encerram almas que talvez tenham brilhado no mundo, que são tão lúcidas e tão pensantes quanto as nossas, sob o espesso envoltório que lhes sufoca as manifestações e que, um dia, o mesmo pode acontecer conosco, se abusarmos das faculdades que nos concedeu a Providência?

De outro modo, como poderíamos explicar o cretinismo? Como fazê-lo concordar com a justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências, isto é, a reencarnação? Se a alma ainda não viveu, é que foi criada ao mesmo tempo que o corpo. Nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão deserdadas quanto a dos cretinos, por parte de um Deus justo e bom? Porque aqui não se trata absolutamente de um desses acidentes – a loucura, por exemplo – que se pode prevenir ou curar. Esses seres nascem e morrem no mesmo estado. Não possuindo nenhuma noção do bem e do mal, qual a sua sorte na eternidade? Serão felizes como os homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que este favor, pois que nada fizeram de bom? Estarão naquilo a que chamam limbo, isto é, num estado misto, que nem é felicidade nem infelicidade? Mas por que esta inferioridade eterna? É sua culpa se Deus os criou cretinos? Desafiamos todos os que repelem a doutrina da reencarnação a saírem desse impasse. Com a reencarnação, ao contrário, o que parece uma injustiça torna-se admirável justiça; o que é inexplicável explica-se da maneira mais racional. Aliás, não sabemos se os que repelem esta doutrina a tenham combatido com argumentos mais peremptórios que o de sua repugnância pessoal em voltar à Terra. Estariam, assim, muito seguros de possuir bastante virtude para ganhar o Céu com tanta facilidade? Desejamos-lhes boa sorte. Mas... e os cretinos? E as crianças que morrem em tenra idade? Que títulos possuirão para fazer valer?

SE FOSSE UM HOMEM DE BEM, TERIA MORRIDO<sup>48</sup>

(Sociedade Espírita de Sens)

Falando de um homem mau, que escapa de um perigo, costumais dizer: *Se fosse um homem bom, teria morrido*. Pois bem, assim falando, dizeis uma verdade, pois, com efeito, muito amiúde sucede dar Deus a um Espírito de progresso ainda incipiente prova mais longa, do que a de um bom que, por prêmio do seu mérito, receberá a graça de ter tão curta quanto possível a sua provação. Por conseguinte, quando vos utilizais daquele axioma, não suspeitais de que proferis uma blasfêmia.

Se morre um homem de bem, cujo vizinho é mau homem, logo observais: *Antes fosse este*. Enunciais uma enormidade, porquanto aquele que parte concluiu a sua tarefa e o que fica talvez não haja principiado a sua. Por que, então, haveríeis de querer que ao mau faltasse tempo para terminá-la e que o outro permanecesse preso à gleba terrestre? Que diríeis se um prisioneiro, que cumpriu a sentença contra ele pronunciada, fosse conservado no cárcere, ao mesmo tempo que restituíssem à liberdade um que a esta não tivesse direito? Ficai sabendo que a verdadeira liberdade, para o Espírito, consiste no rompimento dos laços que o prendem ao corpo e que, enquanto vos achardes na Terra, estareis em cativeiro.

Habituai-vos a não censurar o que não podeis compreender e crede que Deus é justo em todas as coisas. Muitas vezes, o que vos parece um mal é um bem. Tão limitadas, no entanto, são as vossas faculdades, que o conjunto do grande todo não o apreendem os vossos sentidos obtusos. Esforçai-vos por sair, pelo pensamento, da vossa acanhada esfera e, à medida que vos elevardes, diminuirá para vós a importância da vida material que, nesse caso, se vos apresentará como simples incidente, no curso infinito da vossa existência espiritual, única existência verdadeira.

*Fénelon*48 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo V, item 22.

OS POBRES E OS RICOS  
(Sociedade Espírita de Lyon)

*Nota* – Embora os espíritas de Lyon estejam divididos em vários grupos, que se reúnem separadamente, nós os consideramos como formando uma única sociedade, que designaremos sob o nome geral de *Sociedade Espírita de Lyon*. As duas seguintes comunicações foram recebidas em nossa presença:

O ciúme é o companheiro do orgulho e da inveja. Ele vos leva a desejar tudo quanto os outros possuem, sem que percebeis que, invejando sua posição, não estareis pedindo senão o presente de uma víbora, que acalantaríeis ao seio. Sempre invejais e tendes ciúme dos ricos; vossa ambição e vosso egoísmo vos levam a ter sede do ouro alheio. “Se eu fosse rico – dizeis – faria dos meus bens um uso muito diverso do que vejo fazendo este ou aquele.” E sabeis se, tendo esse ouro, não faríeis um uso ainda pior? A isto respondeis: “Aquele que está ao abrigo das necessidades cotidianas da vida sofre muito pouco, em comparação comigo.” Que sabeis a respeito? Aprendei que o rico nada mais é que um intendente de Deus; se usar mal a sua fortuna, ser-lhe-ão pedidas contas severas. Esta fortuna que Deus lhe dá e da qual aproveita na Terra, é a sua punição, é a sua prova, a sua expiação. Quantos tormentos o rico se permite para conservar esse ouro, a que tanto se prende! E quando chega a sua hora derradeira, quando deve prestar contas e compreende, nessa hora suprema, que quase sempre lhe revela toda a conduta que deveria ter tido, como treme! como tem medo! É que começa a compreender que falhou em sua missão, que foi um mandatário infiel e que suas contas vão ser desordenadas. Os pobres trabalhadores, ao contrário, que sofreram toda a vida, ligados à bigorna ou à charrua, vêem chegar a morte, esta libertação de todos os males, com reconhecimento, sobretudo se suportaram suas misérias com resignação e sem murmurar. Crede, meus amigos, se vos fosse dado ver o rude pelourinho ao qual a fortuna liga os ricos, vós, cujo coração é bom, porque passastes por

todas as peneiras da desgraça, diríeis com o Cristo, quando vosso amor-próprio fosse ferido pelo luxo dos opulentos da Terra: “Perdoai-lhes, Senhor, pois não sabem o que fazem”; e adormeceríeis no vosso rude travesseiro, acrescentando: “Meu Deus, abençoai-me, e que seja feita a vossa vontade!”

*O Espírito protetor do médium*

#### DIFERENTES MANEIRAS DE FAZER A CARIDADE<sup>49</sup>

(Sociedade Espírita de Lyon)

*Nota* – A comunicação seguinte foi recebida em nossa presença no grupo de Perrache:

Sim, meus amigos, virei sempre ao vosso meio, sempre que for chamado. Ontem me senti muito feliz por vossa causa, quando ouvi o autor dos livros que vos abriram os olhos testemunhar o desejo de vos ver reunidos para vos dirigir palavras de benevolência. É um grande ensinamento para todos vós e, ao mesmo tempo, poderosa lembrança. Apenas notei, quando vos falou do amor e da caridade, que vários de vós se perguntavam: Como fazer a caridade? Muitas vezes não tenho sequer o necessário.

Amigos, de mil maneiras se faz a caridade. Podeis fazê-la por pensamentos, por palavras e por ações. Por pensamentos, orando pelos pobres abandonados, que morreram sem se acharem sequer em condições de ver a luz. Uma prece feita de coração os alivia. Por palavras, dando aos vossos companheiros de todos os dias alguns bons conselhos, dizendo aos que o desespero, as privações azedaram o ânimo e levaram a blasfemar do nome do Altíssimo: “Eu era como sois; sofria, sentia-me desgraçado, mas acreditei no Espiritismo e, vede, agora sou feliz.” Aos velhos que vos disserem: “É inútil; estou no fim da minha jornada; morrerei

49 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XIII, item 10.

como vivi”, dizei: Deus usa de justiça igual para com todos nós; lembrai-vos dos trabalhadores da última hora. Às crianças já viciadas pelas companhias de que se cercaram e que vão pelo mundo, prestes a sucumbir às más tentações, dizei: “Deus vos vê, meus caros pequenos”, e não vos canseis de lhes repetir essas brandas palavras. Elas acabarão por lhes germinar nas inteligências infantis e, em vez de vagabundos, fareis deles homens. Também isso é caridade.

Dizem, outros dentre vós: “Oral somos tão numerosos na Terra, que Deus não nos pode ver a todos.” Escutai bem isto, meus amigos: Quando estais no cume da montanha, não abrangeis com o olhar os bilhões de grãos de areia que a cobrem? Pois bem: do mesmo modo vos vê Deus. Ele vos deixa usar do vosso livre-arbítrio, como vós deixais que esses grãos de areia se movam ao sabor do vento que os dispersa. Apenas, Deus, em sua misericórdia infinita, vos pôs no fundo do coração uma sentinela vigilante, que se chama *consciência*. Escutai-a, que somente bons conselhos ela vos dará. Às vezes, conseguis entorpecê-la, opondo-lhe o espírito do mal. Ela, então, se cala. Mas, ficai certos de que a pobre escorraçada se fará ouvir, logo que lhe deixardes aperceber-se da sombra do remorso. Ouvi-a, interrogai-a e com freqüência vos achareis consolados com o conselho que dela houverdes recebido.

Meus amigos, a cada regimento novo o general entrega um estandarte. Eu vos dou por divisa esta máxima do Cristo: “Amai-vos uns aos outros.” Observai esse preceito, reuni-vos todos em torno dessa bandeira e tereis ventura e consolação.

*Vosso Espírito protetor*

## ROMA

(Enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Cidade de Rômulo, cidade dos Césares, berço do Cristianismo, tumba dos apóstolos, tu és a cidade eterna, e Deus

quer que a longa letargia em que caíste cesse finalmente. Vai soar a hora de teu retorno; sacode o entorpecimento de teus membros; levanta-te, forte e valente, para obedecer aos destinos que te esperam, pois há longos séculos não passas de uma cidade deserta. As ruínas numerosas de tuas vastas arenas, que dificilmente continham as ondas de ávidos espectadores, mal são visitadas pelos raros estrangeiros que, de vez em quando, passam por tuas ruas solitárias. Tuas catacumbas, onde repousam os despojos de tantos soldados valentes, mortos pela fé, apenas os tiram de sua indiferença. Mas a crise que sofres será a última e irás sair desse penoso e doloroso trabalho, grande, forte, poderosa, transformada pela vontade de Deus e, do alto de tua velha basílica, a voz do sucessor de São Pedro estenderá sobre ti as mãos que trarão as bênçãos do céu, e ele chamará ao seu supremo conselho os Espíritos do Senhor; submeter-se-á às suas lições e dará o sinal do progresso, empunhando francamente a bandeira do Espiritismo. Então, submetido a seus ensinamentos, o universo católico acorrerá em massa para se colocar ao redor do cajado de seu primeiro pastor e, dado esse impulso, todos os corações se voltarão para ti. Serás o farol luminoso que deve iluminar o mundo, e teus habitantes, alegres e felizes por te ver dar às nações o exemplo do melhoramento e do progresso, repetirão em seu canto: Sim, Roma é a cidade eterna.

*Massillon*

### O COLISEU

(Enviada pelo Conde X..., de Roma. Traduzida do italiano)

Que sentimento faz nascer em vós a visão do Coliseu? O produzido pelo aspecto de toda ruína: tristeza. Suas vastas e belas proporções lembram todo um mundo de grandeza; mas sua decrepitude invariavelmente leva o pensamento para a fragilidade das coisas humanas. Tudo passa; e os monumentos, que pareciam desafiar o tempo, se desmoronam, como para provar que só as

obras de Deus são duráveis. E quando os escombros, semeados por toda parte, protestam contra a eternidade das obras do homem, ousais chamar eterna uma cidade juncada de ruínas do passado!

Onde estás, Babilônia? Onde estás, Nínive? Onde vossos imensos e esplêndidos palácios? Viajante, em vão os procura sob as areias do deserto; não vês que Deus os apagou da face da Terra? Roma! Esperas, pois, afrontar as leis da Natureza? Sou cristã, dizes, e Babilônia era pagã. Sim; mas, como ela, és de pedra, e um sopro de Deus pode dispersar essas pedras amontoadas. O solo que treme à tua volta não está a te advertir que teu berço, que se acha sob teus pés, pode tornar-se o teu túmulo? Sou cristã, dizes, e Deus me protege! Mas ousas comparar-te a esses primeiros cristãos, que morriam pela fé, e cujos pensamentos já eram deste mundo, tu que vives de prazeres, luxo e indolência? Lança os olhos sobre estas arenas, diante das quais passas com tanta indiferença; interroga estas pedras, ainda de pé, e elas te falarão, e a sombra dos mártires te aparecerá para dizer: Que fizeste da simplicidade, de que nosso divino mestre fez uma lei, de humildade e de caridade, cujo exemplo nos deu? Tinham palácios? Vestiam-se de ouro e seda esses primeiros propagadores do Evangelho? Suas mesas esbanjavam o supérfluo? Tinham coortes de servos inúteis para lhes adular o orgulho? Que há de comum entre ti e eles? Eles não buscavam senão os tesouros do Céu, e tu buscas os tesouros da Terra! Ó homens que vos dizeis cristãos, vendo o vosso apego aos bens perecíveis deste mundo, dir-se-ia realmente que não contaís com os da eternidade. Roma! que te dizes imortal, possam os séculos futuros não buscar o teu lugar, como hoje é procurado o da Babilônia!

*Dante*

*Observação* – Por singular coincidência, estas duas últimas comunicações nos chegaram no mesmo dia. Embora

tratando do mesmo assunto, vê-se que os Espíritos o encaram cada um do seu ponto de vista pessoal. O primeiro vê a Roma religiosa e, em sua opinião, eterna, porque será sempre a capital do mundo cristão; o segundo vê a Roma material e diz que nada do que os homens edificam é eterno. Aliás, sabe-se que os Espíritos têm suas opiniões e que podem divergir entre si na maneira de ver, quando ainda imbuídos das idéias terrestres; só os Espíritos mais puros estão isentos de preconceitos. Mas, pondo de lado a opinião, que pode ser controversa, não se poderá recusar a estas duas comunicações uma grande elevação de estilo e de pensamento e cremos que não seriam desabonadas pelos autores que levam seus nomes.

#### A TERRA PROMETIDA

(Enviada pelo Sr. Rodolfo, de Mulhouse)

O Espiritismo se levanta e logo sua luz fecunda vai alumiar o mundo; seu brilho magnífico protestará contra os ataques dos interessados em conservar os abusos e contra a incredulidade do materialismo. Os que duvidam sentir-se-ão felizes por encontrar nesta doutrina nova, tão bela, tão pura, o bálsamo consolador que os curará do cepticismo e os tornará aptos a melhorar e progredir, como todas as demais criaturas. Privilegiados serão os que, renunciando às impurezas da matéria, se lançarem em vôo rápido até o topo das idéias mais puras e buscarem desmaterializar-se completamente.

Povos! erguei-vos para assistir à aurora desta vida nova, que vem para a vossa regeneração; que, enviada por Deus, vem para vos unir numa santa comunhão fraterna. Oh! como serão felizes os que, ouvindo esta voz abençoada do Espiritismo, seguirem sua bandeira e cumprirem o apostolado, que deve reconduzir os irmãos extraviados pela dúvida e pela ignorância, ou embrutecidos pelo vício!



Voltaí, ovelhas desgarradas, voltaí ao aprisco; levantai a cabeça, contemplai o vosso Criador e rendereis homenagem ao seu amor por vós. Retirai prontamente o véu que vos ocultava o Espírito da Divindade; admirai-o em toda a sua bondade; prostrai a face contra a terra e arrependei-vos. O arrependimento vos abrirá as portas da felicidade: as de um mundo melhor, onde reinam o amor mais puro, a fraternidade mais estreita, onde cada um sente alegria na alegria do próximo.

Não sentis que se aproxima o momento em que vão surgir coisas novas? Não sentis que a Terra está em trabalho de parto? Que querem esses povos que se remexem, que se agitam, que se aprestam para a luta? Por que vão combater? Para romper as cadeias que estancam o progresso de sua inteligência, absorvem a sua seiva, semeiam a desconfiança e a discórdia, armam o filho contra o pai, o irmão contra o irmão, corrompem as nobres aspirações e matam o gênio. Ó liberdade! Ó independência! nobres atributos dos filhos de Deus, que alargais o coração e elevais a alma, é por vós que os homens se tornam bons, grandes e generosos; por vós nossas aspirações se voltam para o bem, a injustiça desaparece, os ódios se extinguem e a discórdia, envergonhada, foge e apaga seu facho, temendo irradiar seus sinistros clarões. Irmãos! escutai a voz que vos diz: Marchai! marchai para esse brilhante objetivo que vedes despontar mais além! Marchai para esse brilhante raio de luz que está à vossa frente, como a coluna luminosa adiante do povo de Israel; ele vos conduzirá à verdadeira *Terra Prometida*, onde reina a eterna felicidade, reservada aos Espíritos puros. Armai-vos de virtudes; purificai-vos das impurezas e, então a rota vos parecerá fácil e a encontrareis coberta de flores; percorrê-la-eis com um inefável sentimento de alegria, porque, a cada passo, compreenderéis que vos aproximais do alvo onde podeis conquistar as palmas eternas.

**EGOÍSMO E ORGULHO**<sup>50</sup>

(Sociedade Espírita de Sens)

Se os homens se amassem com mútuo amor, mais bem praticada seria a caridade; mas, para isso, mister fora vos esforçásseis por largar essa couraça que vos cobre os corações, a fim de se tornarem eles mais sensíveis aos sofrimentos alheios. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo jamais se escusava; não repelia aquele que o buscava, fosse quem fosse: socorria assim a mulher adúltera, como o criminoso; nunca temeu que a sua reputação sofresse por isso. Quando o tomareis por modelo de todas as vossas ações? Se na Terra a caridade reinasse, o mau não imperaria nela; fugiria envergonhado; ocultar-se-ia, visto que em toda parte se acharia deslocado. O mal então desapareceria, ficai bem certos.

Começai vós por dar o exemplo; sede caridosos para com todos indistintamente; esforçai-vos por não atentar nos que vos olham com desdém; crede sempre que eles merecem vossa simpatia e deixai a Deus o encargo de fazer toda a justiça, a Deus que todos os dias separa, no seu reino, o joio do trigo.

O egoísmo é a negação da caridade. Ora, sem a caridade não haverá descanso para sociedade humana. Digo mais: não haverá segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, a vida será sempre uma carreira em que vencerá o mais esperto, uma luta de interesses, em que se calçarão aos pés as mais santas afeições, em que nem sequer os sagrados laços da família merecerão respeito.

*Pascal*

50 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XI, item 12.

## Sociedade Espírita de Metz

Ao retornar de nossa viagem encontramos uma carta do honrado presidente da Sociedade Espírita de Metz, bem como a primeira publicação dessa Sociedade. Daremos notícias dela no próximo número, pois este já está composto e pronto para ser impresso. Só nos resta espaço e tempo para enviar nossas sinceras felicitações àquela Sociedade e ao seu digno Presidente.

*Allan Kardec*